

# O mapa de toda a América Latina

Gilberto de Mello Kujawski



**O labirinto da solidão**  
Octavio Paz  
Cosac Naify  
Tradução de Ari Roitman  
e Paulina Wacht  
384 páginas, R\$ 69,00

**T**oda e qualquer resenha de *O labirinto da solidão* resultará insuficiente. Ficaré sempre abaixo do nível de pensamento atingido neste livro. O nível de Octavio Paz é o do pensamento *paradoxal*, aquele que desafia as ideias feitas, a convenção estabelecida que separa irreversivelmente os opostos, tais como história e mito, o sagrado e o profano, razão e sentimento, indivíduo e sociedade, solidão e comunhão, civilização e barbárie, criação e destruição, festa e luto, direita e esquerda, e outros tantos lugares-comuns abrigados na inércia das ideias.

Não se pode compreender o México sem reconhecer que os contrários coexistem entre si, conjugam-se uns com os outros, abraçam-se amorosamente e com frequência se matam teatralmente. O mexicano, que se fecha e preserva (palavras de Octavio), mascara o rosto e o sorriso, “ama as festas e as reuniões públicas”, tudo sem esquecer que ele é um “povo ritual”. Na festa o mexicano se abre, parte para a embriaguez e a loucura, “assobia, grita, canta, solta fogos, descarrega sua pistola no ar”. Recupera a festa como orgia coletiva. “Na Festa, a sociedade comunga consigo mesma”, mas “a noite de festa também é uma noite de luto”.

Se há um filósofo com o qual Octavio guarda a maior afinidade, é Heráclito de Éfeso (século VI a.C.): “Tudo flui”, o princípio do mundo é o devir, que está sempre correndo entre os contrários. O devir de Heráclito é a comunhão vital dos contrários: “Não entendem como a discórdia pode pôr-se de acordo consigo mesma. É uma mútua adaptação, como a do arco e da lira” (Heráclito, fragmento 51). Por coincidência, Octavio Paz nomeou um de seus livros com

estas mesmas palavras, *El arco y la lira* (Fondo de Cultura Económica, 1956). No texto octaviano acompanhamos a inteligência do autor em movimento, identificada com a essência mesma do mundo, na qual os contrários se conjugam no fluxo daquele rio no qual ninguém se banha duas vezes. Fluxo musical como o que se derrama do conúbio entre o arco e a lira.

Segundo Ortega y Gasset, o Universo está constituído com metáforas, começando pela *comparação*, que deu origem a quase todas as palavras, até os grandes mitos cósmicos que sustentam a civilização. Tomando ao pé da letra a proposta de Ortega, Octavio pensa metaforicamente, *aplicando a metáfora como a matriz de sua ideiação conceptual*. A força ensaística de Octavio Paz reside toda ela no uso brilhante do pensamento simbólico.

Não há exagero em afirmar que a vida e a obra desse diversificado poeta e ensaísta estão dominadas por um tema único: o México, seu destino e sua paixão, sua história e sua mitologia. A busca do México associa-se à busca dele mesmo, em carne e osso. O indivíduo é tanto mais produtivo espiritalmente quanto mais imerso na vida da comunidade.

A base, o húmus desse patriotismo é essa imersão profunda na comunidade. Na vida cotidiana e na vida heroica da comunidade.

Paz ama sua pátria para entendê-la. Sua penetração intelectual consuma-se num tipo sapiencial e videncial de inteligibilidade. Paz pertence à raça dos videntes. Seu patriotismo começa no subsolo arqueológico do México, repousa nas praças, na arquitetura e na literatura da Nova Espanha, inflama-se na Revolução Mexicana, demora-se na indagação do presente do seu país e projeta-se com ele na direção do futuro. O que

**A vida e a obra desse diversificado poeta e ensaísta estão dominadas por um tema único: o México, seu destino e sua paixão, sua história e sua mitologia**

# Telescópio das ciências sociais

Monika Dowbor

ele diz de sua compatriota do século XVII, Sor Juana Inés de la Cruz – “*fue la conciencia intelectual de su sociedad*” –, aplica-se sob medida a ele mesmo, que é a consciência da sociedade mexicana alargada em consciência de toda a América Latina.

O texto de *O labirinto da solidão*, examinado à contraluz, entremostra o mapa de toda a América Latina e, inscrito nele, o contorno do nosso país. Pelo seu perfil trágico e hierático de matriz asteca, o México é único na América espanhola e portuguesa. Mas estamos todos unidos na AL por vícios atávicos de formação, a indistinção entre o público e o privado, entre direitos e privilégios, a tradição de autoritarismo, caudilhismo e populismo; e a sombra da ilegitimidade nos persegue. Mantemos viva a tradição antidemocrática, antiliberal e anti-capitalista, apesar de fingirmos o contrário. A mentira política é nossa bandeira.

Mas alguma coisa positiva nos aproxima na AL. A primeira é a cultura daquilo que Gilberto Freyre chama “o tempo ibérico”, o oposto do *time is money* dos ianques, o tempo que vale por si mesmo (da festa, da música e da arte popular, do “jogar conversa fora” etc.). A outra é o papel da Igreja Católica como formadora dos corações e mentes ao tempo da colonização. O Brasil e outros países hispânicos, mais do que possessões da Espanha e de Portugal, eram províncias eclesiásticas. Segundo Octavio Paz, “sem a Igreja, o destino dos índios teria sido muito diverso. ... Pela fé católica, os índios, em situação de orfandade, rompidos os laços com suas antigas culturas, mortos tanto os seus deuses quanto as suas cidades, encontraram um lugar no mundo. Esta possibilidade de pertencer a uma ordem viva, ainda que na base da pirâmide social, foi desapiedadamente negada aos nativos pelos protestantes da Nova Inglaterra. Esquecemos com frequência que pertencer à fé católica significava encontrar um lugar no cosmos” (*O labirinto da solidão*).

Gilberto de Mello Kujawski é escritor e jornalista, autor do ensaio *O sentido da vida* (2ª. edição, no prelo).

No deserto de Atacama, no Chile, encontram-se dois conjuntos de telescópios que mudaram a capacidade e forma de observar e analisar o Universo. A associação do *Dicionário temático desenvolvimento e questão social*, com seus 81 verbetes, à potência desses novos telescópios decorre da sua capacidade de nomear, mapear e sistematizar os debates acadêmicos e políticos sobre os dois temas contidos no título, relacionando-os e conjugando-os com uma diversidade de conceitos, dinâmicas e instituições, como, por exemplo, tecnologia, cooperação internacional, direitos, trabalho, participação, Cepal e ONU, entre outros

Logo na apresentação há a pergunta: “Qual a capacidade das ciências e dos saberes na recriação de condições efetivas de inovação e formulação de novos paradigmas de desenvolvimento e proteção social?”. O dicionário em si já é uma resposta. Apesar do claro posicionamento da maioria dos autores a favor do desenvolvimento sustentável com centralidade na igualdade e equidade sociais, o fio metodológico que perpassa os verbetes busca, sistematicamente, as mais importantes vozes que fizeram diferença nos debates e situa o leitor na diversidade de posições que, não raramente, conflituam entre si.

Vários autores introduzem instituições não apenas como objetos de estudo, mas como produtores do conhecimento e consensos, disseminados por meio de diretrizes, políticas e eventos. Por fim, os debates acadêmicos e políticos apresentados são permeados pela presença dos atores sociais. Se a polissemia das vozes, neste caso, impede sua agregação, o recurso às suas expressões institucionais, às suas representações e às dinâmicas sociais enriquece a discussão.

O telescópio de ciências sociais mirado para os desafios do desenvolvimento pelo prisma da questão social se baseia na alta especialização dos seus 84 autores. O livro é uma leitura útil e norteadora para todos aqueles que buscam fazer diferença no mundo que nos coloca questionamentos nada triviais.



**Dicionário temático desenvolvimento e questão social: 81 problemáticas contemporâneas**  
Anete Brito Leal Ivo,  
Elsa S. Kraychete, Ângela  
Borges, Cristiana Mercuri,  
Denise Vitale e Stella Sennes  
(coordenadoras)  
Annablume / CNPq / Fapesp  
564 páginas, R\$ 85,00

Monika Dowbor é pós-doutoranda do Centro de Estudos da Metrópole (CEM) e do Núcleo de Democracia e Ação Coletiva do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap).